

LITERATURA BRASILEIRA  
Textos literários em meio eletrônico  
Gregório de Matos

Texto-fonte: Obra Poética, de Gregório de Matos, 3ª edição,  
Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

Crônica do Viver Baiano Seiscentista

**Índice**

JUÍZES DE IGARAÇU

AO DEZEMBARGADOR DIONIZIO DE AVILA VARREYRO OUVIDOR GERAL DO CIVEL DESTE ESTADO DO BRAZIL INDO À PORTO SEGURO PRENDER TRINTA E SETTE FACINOROSOS QUE ANDAVÃO ROUBANDO, E MATANDO NAQUELA POVOAÇÃO, SÒMENTE COM CINCOENTA SOLDADOS DESTA PRAÇA E ALGUNS INDIOS, LÀ AGGREGOU ACÇÃO QUE SEM O FAVOR DIVINO NÃO PODERA CONSEGUIR ESFORÇO HUMANO.

A MORTE DO MESMO DEZEMBARGADOR.

AO MESMO ASSUMPTO PEZAMES.

AO MESMO DEZEMBARGADOR CAZANDO-SE COM A FILHA DO CAPITÃO SEBASTIÃO BARBOZA.

AO MESMO POR SUAS ALTAS PRENDAS.

AO OUVIDOR GERAL DO CRIME QUE TINHA PREZO O POETA (COMO ACIMA SE DIZ) EMBARCANDO-SE PARA LISBOA.

AO DEZEMBARGADOR BELCHIOR DA CUNHA BROCHADO VINDO DE SINDICAR, O RIO DE JANEYRO EM OCCASIÃO, QUE ESTAVA O POETA PREZO PELO OUVIDOR DO CRIME, PELO FURTO DE HUMA NEGRA, SOLTANDO-SE NA MESMA OCCASIÃO O LADRÃO.

AO MESMO DEZEMBARGADOR PEDE O POETA JOCOSAMENTE HUM ESCRAVO SEO ALFAYATE PARA LHE FAZER HUA OBRA.

AO PROVIDOR DOS AUSENTES, E DA SANTA CASA DO DEZor PEDRO DE UNHÃO CASTELBRANCO, ACHANDO-SE COM O POETA NO SEU RETIRO DA PRAYA GRANDE.

AO RETIRAR-SE LHE MANDOU O POETA HUM REFRESCO COM ESTAS DÉCIMAS.

A TREZ MULATOS QUE POR TIRAREM AS ESPADAS CONTRA HUNS DESEMBARGADORES FORAM A ENFORCAR ATANAZADOS, E ESQUARTEJADOS.

PREZOS TREZ HOMENS DE QUATRO, QUE POR SEU DESENFADO COSTUMAVÃO TIRAR PEDRADAS AS JANELLAS DE PALACIO, UM DELLES POR SER MULATO,

SAHIO A AÇOUTAR PELAS RUAS E OS DOUS FORAM PARA AS GALÈS. ESTA OBRA FEZ O POETA SENDO ESTUDANTE.

## 6 - JUÍZES DE IGARAÇU

Se tratam a Deus por tu,  
e chamam a El-Rei por vós  
como chamaremos nós  
ao Juiz de Igaracu?  
Tu, e vós, e vós, e tu.

Que me há de suceder nestas montanhas  
Com um Ministro de leis tão pouco visto,  
Como previsto em trapas, e maranhas?

**AO DEZEMBARGADOR DIONIZIO DE AVILA VARREYRO OUVIDOR GERAL DO CIVEL DESTE ESTADO DO BRAZIL INDO À PORTO SEGURO PRENDER TRINTA E SETTE FACINOROSOS QUE ANDAVÃO ROUBANDO, E MATANDO NAQUELA POVOAÇÃO, SÔMENTE COM CINCOENTA SOLDADOS DESTA PRAÇA E ALGUNS INDIOS, LÀ AGGREGOU ACÇÃO QUE SEM O FAVOR DIVINO NÃO PODERA CONSEGUIR ESFORÇO HUMANO.**

1 Herói Númen, Herói soberano,  
Cujo esforço, e conceito peregrino  
Transcende os termos do limite humano,  
E quase logra foros de divino:  
Ouvi, se é, que as grandezas do Oceano  
Cabem neste clarim tão pouco fino,  
Que mais preclara tuba, e voz merece  
Cam. Quem a tamanhas cousas se oferece.

2 Tu, que abres o cristal da Aônia fonte,  
Ó doce Musa, se até agora ingrata,  
Solta a corrente, porque em verso conte,  
O que só cabe em lâminas de prata:  
Fecunde esse cristal tão duro monte,  
Que se fluido, e belo se desata.  
Eu farei, que se admire no universo  
Cam. Se tão sublime preço cabe em verso.

3 Sê pródiga comigo, porque vejo,  
Que hei de cantar proezas levantadas,  
E do ouro, que cria o Lago Tejo  
Te farei uns pendentos, e arracadas:  
Põe, Musa amada, fim ao meu desejo,  
E terás para o colo as congeladas  
Lágrimas puras, e no dedo amante  
Cam. Outra pedra mais clara, que diamante.

4 Nesta do mundo a mais mimosa parte,  
Em cujo soberano, e fértil pólo  
Vos reconhece o mundo novo Marte,  
Onde vos representa novo Apolo:  
Inculcando o valor, engenho, e arte  
Inveja dos murmúrios de Pactolo,  
Mostrastes nesta ação, que tudo alcança

Cam. Em uma mão a pena e noutra a lança.

5 Para vencer os fortes adversários  
Vibrastes valeroso a dura espada,  
Para prender aspérrimos contrários  
Inculcastes idéia celebrada:  
Valor, e engenho foram necessários,  
Porque soubesse a fama remontada,  
Partistes tão guerreiro, quão fecundo

Cam. Ameaçando terra, mar, e mundo.

6 Com insultos, e roubos aleivosos  
Não perdoando vida, casa, ou muro  
Trinta e sete cruéis facinorosos  
Roubam a Povoação Porto Seguro:  
Para castigo destes criminosos  
O fado destinou celeste, e puro  
Esse braço, esse peito, esse conselho

Cam. Para leais vassallos claro espelho.

7 Eram tiranos tais, e de tal sorte,  
Que com nenhuma valia o medo, ou rogo,  
Despojavam, feriam, davam morte,  
Os povos assolando a ferro, e fogo  
Qual atrevido rompe o muro forte,  
Qual temerário cerca a casa logo,  
Qual sem mudar cor, gesto, ou semblante

Cam. Salteia o descuidado caminhante.

8 Incultas matas nunca penetradas,  
Subterrâneas cavernas, triste seio  
Destes vandidos eram as moradas  
Do maior coração maior recreio:  
Aqui com tiranias desusadas  
Era comum no roubo o bem alheio,  
Deixando os povos, sítio, bens, e gados

Cam. Mortos, perdidos, e desbaratados.

9 Esta pública fama, que amedrenta  
A todo coração, a todo peito,  
Do Númen Português o braço alenta,  
Que iguala seu valor ao seu conceito:  
Intrépidos eleger a cinquenta  
Bem prevenidos para o grande efeito  
Únicos escolhidos na Bahia

Cam. Dos belicosos peitos, que em si cria.

- 10 Luzidos todos, todos bem armados  
O sítio buscam dos cruéis vandidos:  
Voam as plumas, pendem os traçados,  
E os perros das clavinhas dão latidos:  
Lestos vão bacamartes carregados,  
E os peitos mais seguros que luzidos,  
Rijos estoques, carregadas clavas,  
Cam. Partesanas agudas, chuças bravas.
- 11 Mais forte, mais bizarro, mais ufano  
O invicto cabo para a empresa parte,  
Por arnês leva o peito do Tebano,  
No talim por espada o mesmo Marte:  
Em uma mão aperta o ferro cano,  
Na outra o freio, e inquirindo à parte  
Todo o valor, que leva por muralha  
Cam. Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.
- 12 Qual raio, que o trovão tem despendido  
Contra a Nau sobre o túmido alabastro,  
E tendo-a a voraz fogo reduzido  
Em mil pedaços faz o grande mastro:  
Tal se mostrou nas matas o temido  
Contra os inimigos valeroso Astro:  
Prostrando tudo sem temer agouros  
Cam. Com ferro, fogo, setas, e pilouros.
- 13 Chegada a belicosa companhia  
Do capitão valente industriada  
Logo correu a fama, em como ia  
E fugiu para o mato a gente irada:  
Não sofrem dilatação os da Bahia  
Intrépidos buscando a emboscada,  
Qualquer na mata salta tão ligeiro  
Cam. Que nenhum dizer pode, que é primeiro.
- 14 Não val aos criminosos força, manha,  
Golpes, reveses, tiros, e ameaços,  
Mas buscando o seguro da montanha  
Livrando as vidas vão nos próprios passos.  
O Herói com os seus os acompanha,  
Que é mais que humano esforço o de seus braços:  
Bem se vê, porque em caso tão veemente,  
Cam. Mais peleja o favor do céu, que a gente.
- 15 Dentro do bosque teatro enfim eleito  
Se trava a briga de uma, e outra parte,  
Quebra-se a espada, e sem romper o peito,  
Que há Deus mais poderoso, que o Deus Marte:  
Zune o pilouro sem fazer efeito,  
Voa a seta, porém a si se parte,  
Que quis Deus despertar no ato presente  
Cam. Com tal milagre os ânimos da gente.

- 16 Teme o bando inimigo a resistência  
Da belicosa, e forte companhia,  
Vendo ali com certíssima evidência,  
Que o Céu propício a todos defendia:  
Trata da fuga, deixa a competência  
Última resolução da cobardia:  
O Céu o quis assim: porque se veja,  
Cam. Que quem resiste, contra si peleja.
- 17 Fogem cobardes, que é cobarde o vício  
Tratando a cara vida com despego,  
Qual porventura acha o precipício  
Qual acha dita em se botar ao pego:  
Não tendo já da liberdade indício  
O criminoso bando iníquo, e cego,  
Antes quer a mor risco aventurar-se  
Cam. Que nas mãos inimigas entregar-se.
- 18 Nada lhe val que o Cabo diligente  
Futuros antevendo, inopinados,  
Fiado em Deus anima a sua gente  
Talvez com a espada, e tal com os brados:  
Esta é ocasião (diz o valente  
Jurisconsulto aos férvidos soldados)  
Que sempre alcançará fama perfeita  
Cam. Quem do oportuno tempo se aproveita.
- 19 Isto ouvindo os belígeros guerreiros,  
Bem que a maleza inculta os embaraça,  
Raivosos acometem, quais rafeiros  
Quando armado a novilho vêem na praça:  
Rende-se o bando a tais aventureiros,  
Que em duas cordas a um, e outro enlaça:  
Assim o Cabo pôs em dura liga  
Cam. A vil malícia, pérfida, inimiga.
- 20 Prende homicida a mão a dura algema,  
Ao pescoço grilhão férreo, e seguro,  
Não porque o Númen seu esforço tema,  
Mas por exemplo ao século futuro:  
Qual temendo o patíbulo blasfema,  
Qual por desesperado está seguro,  
Temendo suas culpas desta sorte  
Cam. Que o menor mal de todos seja a morte.
- 21 Enquanto ao ar os gritos atroavam,  
Que os céus, e os corações duros feriam,  
O seu mesmo despojo lhes mostravam,  
Que com dobrada pena alheio viam:  
Pistolas, e espingardas, que atiravam,  
Duros alfanjes, que um arnês abriam,  
Guarnecendo-se tudo, o que se alega,  
Cam. Do metal, que a fortuna a tantos nega.

- 21 Enfim permitiu Deus, que tudo ordena,  
Esta ação, tão feliz, tão venturosa  
Sem ferida, estocada alguma ou pena  
Entre gente tão árdua, e belicosa:  
Milagre augusto foi da Mão serena  
Divina em tudo, em tudo poderosa,  
Só um índio dirá com voz sentida  
Cam. Esta perna trouxe eu de lá ferida.
- 22 Alegre com a empresa desejosa  
Corta o Cabo a espessura, e busca a via,  
Não faltando da esquadra criminosa  
Algum, que não prendesse neste dia:  
Marcha triunfando a gente belicosa,  
Pasmam de ver os Filhos da Bahia  
O sucesso, a prisão, os Rebelados,  
Cam. As armas, e os varões assinalados.
- 23 Já divulgava a fama a novidade  
Pela gente em contorno mais distante,  
Porque as ruas pisava da cidade  
O Númen dos vândidos triunfante:  
Por ver o herói brasão da eternidade  
O Povo corre, e muda de semblante:  
Enchem a praça, ruas, e janelas  
Cam. Velhos, e Moços, Damas e Donzelas.
- 25 Qual Paulo Emílio, quando entrou por Roma  
Com Perseu preso, e sua fidalguia,  
Sendo o despojo, que recolhe, e toma  
Quatrocentas coroas, que trazia:  
Vós mereceis mais numerosa soma,  
Porque unindo ciência à valentia  
Mereceis as marciais, também as de ouro  
Cam. Do Bacaro, e do sempre verde Louro.
- 26 Chega a Palácio, onde é recebido  
Com alegria, amor, e autoridade:  
E depois que o sucesso foi ouvido,  
Pôs o despojo aos pés da Majestade:  
O Governador sábio, e entendido  
De Pedro imagem, vendo a lealdade,  
Valor, prudência, e esforço do sujeito  
Cam. Tais palavras tirou do esperto peito.
- 27 Esse despojo, ó Herói sublimado,  
Como de armas te foi, armas te sejam,  
Com teu esforço insigne as tens ganhado,  
No teu escudo eternamente estejam  
Por elas conhecido, e afamado  
Serás entre os Heróis, que mais se invejam,  
Que bem merece ter armas por glória  
Cam. Quem faz obras tão dignas de memória.

- 28 Debuxa em bronze, ou metal luzido  
Insígnias tais, escreve este letreiro  
"São as armas do sábio, e do temido  
Dionísio de Ávila Varreiro"  
Elas por este nome alto, e subido  
Nome terão em todo o mundo inteiro:  
Tu por elas lugar te tem a idade  
Cam. No templo da suprema eternidade.
- 29 Essas armas com estes caracteres  
Pinta no escuro de ouro transparente,  
Porque o mundo conheca, sempre seres  
Por Letras, e por armas excelente:  
Desde a Tétis furiosa e flava Ceres  
Teu nome se eternize permanente  
Levando-o por assunto à doce Clio  
Cam. Desde o trópico ardente ao cinto frio.
- 30 Assim disse, e parou, e eu assim faço,  
Suspendendo a corrente à veloz Musa,  
Pois quanto mais dissera, fora a um Traço  
Breve gota das águas de Aretusa:  
Não cabe a larga via em breve passo,  
Dar conceitos a idéia já recusa,  
E prosseguir mais avante fora erro,  
Cam. Ainda que eu tivera a voz de ferro.

### **A MORTE DO MESMO DEZEMBARGADOR.**

Nasceste em pranto (débito preciso)  
Com riso a vida deixas mui sonoro,  
Por mostrar, se da morte da vida é choro,  
Com mais razão da vida a morte é riso.

Enfim soube gozar o teu juízo  
Da vida mais da morte o melhor foro  
No sentimento, honras, e decoro,  
Nos agrados, costumes, e no siso.

Ó mil vezes ditoso, que lograste  
Da vida mais da morte a melhor sorte,  
E antes que te deixasse, a deixaste.

E por dela triunfar de toda a sorte  
Do nascimento a véspera apressaste,  
Por lograr eterna vida a tua morte.

### **AO MESMO ASSUMPTO PEZAMES.**

Esqueça-se o materno sentimento,  
Desterre-se a patema saudade,  
Que morrer com tal juízo, e cristandade,

Deve servir de mor contentamento.

Demasiar-se a mágoa, e o tormento  
Ofender é a divina piedade,  
Quando evita com a morte a maldade,  
Destróe um tão bom procedimento.

Por dois dias, que mais viver podia  
Querê-lo exposto ter a tanto dano,  
Não pode ser amor, sim tirania.

Pois neste vosso próprio amor humano  
O alívio pertendeis da companhia,  
Sendo só vosso bem o seu engano.

### **AO MESMO DEZEMBARGADOR CAZANDO-SE COM A FILHA DO CAPITÃO SEBASTIÃO BARBOZA.**

É questão mui antiga, e altercada  
Entre os Letrados, e os Milicianos,  
Sem se haver decidido em tantos anos,  
Qual é mais nobre a pena, se a espada.

Discorrem em matéria tão travada  
Altos entendimentos mais que humanos,  
E julgam ter brasões mais soberanos  
Uns, que Palas togada, outros, que armada.

Esta pois controvérsia tão renhida,  
Tão disputada, quanto duvidosa  
Cessou co desposório, que se ordena.

Uma pena a soltou mui entendida,  
Uma espada a cortou mui valerosa,  
Pois já se dão as mãos espada, e pena.

### **AO MESMO POR SUAS ALTAS PRENDAS.**

Dou pruden nobre, huma afá  
to, te, no, vel,  
Re cien benign e aplausí  
Úni singular ra inflexí  
co, ro, vel  
Magnífi precla incompará  
Do mun grave Ju inimitá  
do is vel  
Admira goza o aplauso crí  
Po a trabalho tan e t terrí  
is to ão vel  
Da pron execuç sempre incansá  
Voss fa Senhor sej notór



a ma a ia  
 L no cli onde nunc chega o d  
 Ond de Ere só se tem memór  
 e bo ia  
 Para qu gar tal, tanta energ  
 po de tod est terr é gentil glór  
 is a a a ia  
 Da ma remot sej um alegr

**AO OUVIDOR GERAL DO CRIME QUE TINHA PREZO O POETA (COMO ACIMA SE DIZ) EMBARCANDO-SE PARA LISBOA.**

Lobo cerval, fantasma pecadora,  
 alimária cristã, salvage humana,  
 Que eras com vara pescador de cana,  
 Quando devias ser burro de nora.

Leve-te Berzabu, vai-te em má hora,  
 Levanta já daqui fato, e cabana,  
 E não pares senão na Trapobana,  
 Ou no centro da Líbia abrasadora.

Parta-te um rato, queime-te um corisco  
 Na cama estejas tu, sejas na rua,  
 Sepultura te dêem montes de cisco.

E toda aquela cousa, que for tua  
 Corra sempre contigo o mesmo risco,  
 Ó salvage cristã, ó besta crua.

**AO DEZEMBARGADOR BELCHIOR DA CUNHA BROCHADO VINDO DE SINDICAR, O RIO DE JANEIRO EM OCCASIÃO, QUE ESTAVA O POETA PREZO PELO OUVIDOR DO CRIME, PELO FURTO DE HUMA NEGRA, SOLTANDO-SE NA MESMA OCCASIÃO O LADRÃO.**

Senhor Doutor: muito bem-vinda seja  
 A esta mofina, e mísera cidade  
 Sua justiça agora, e eqüidade,  
 E Letras, com que a todos causa inveja.

Seja muito bem-vindo: porque veja  
 O maior desbarate, e iniquidade,  
 Que se tem feito em uma, e outra idade  
 Desde que há tribunais, e quem os reja.

Que me há de suceder nestas Montanhas  
 Com um Ministro em Leis tão pouco visto,  
 Como previsto em trampas, e maranhas?

É Ministro de império, mero, e misto,  
 Tão Pilatos no corpo, e nas entranhas,  
 Que solta um Barrabás, e prende um Cristo.

**AO MESMO DEZEMBARGADOR PEDE O POETA JOCOSAMENTE HUM ESCRAVO  
SEO ALFAYATE PARA LHE FAZER HUA OBRA.**

É este memorial de um afligido,  
Se vos der mais enfado, do que deve,  
Entendei do papel em que o escrevo,  
Que dos trapos se fez do meu vestido.

Estou, há vinte meses, retraído  
Por crime, que a dizer me não atrevo,  
Acutilei por ser já velho, e gevo  
Um vestido, que tinha de comprido.

Com isto está meu Pai muito enfadado,  
E sobre ver-me roto me descose,  
Porque comigo está desesperado.

Eu como um descosido, eu como as doze,  
E como estou sem voz des abrochado,  
Vos peço o Alfaiate, que vos cose.

**AO PROVIDOR DOS AUSENTES, E DA SANTA CASA DO DEZor PEDRO DE UNHÃO  
CASTELBRANCO, ACHANDO-SE COM O POETA NO SEU RETIRO DA PRAYA  
GRANDE.**

Aqui chegou o Doutor,  
e basta, que o Doutor diga,  
para que explicar consiga,  
que chegou o Provedor:  
de antinomásia o Senhor,  
o nobre, o esclarecido,  
já têm todos entendido,  
que é aqui o Castelbranco,  
a quem o Céu fez tão branco  
em sangue, como em apelido.

Chegou a estes areais,  
e alegrou-se tanto o monete,  
que num, e noutro horizonte  
se vêem trêmulos sinais:  
a alegria, que no mais  
vegetável se entendia,  
tanto obrava, tanto urdia,  
em todo o tronco valente,  
que em Letras do sol ardente  
Castelo branco se lia.

O monte escreveu na falda  
"aqui chegou o Doutor"  
com Letras de branca flor  
sobre papel de esmeralda:  
o raio do Sol, que escalda,  
o ar Largo, a folha breve

tanto o natural reteve,  
que por impulso, ou por rogo  
em vez de raios de fogo  
arrojou campos de neve.

O Sol em seu parto Leito,  
onde morre cada dia.  
se escondeu de cortesia  
talvez, talvez de respeito:  
eu observava em meu peito,  
que a boa conversação  
do nosso Doutor Unhão  
mui alta esfera subia:  
mas não soube, se seria  
de douto, ou de cortesão.

Foi-se levando consigo  
nosso gosto, vida, e agrado,  
ele diz, que vai forçado,  
e eu que por ser inimigo:  
tão bem molesta o amigo,  
quando se ausenta, e se deixa:  
porém será injusta queixa,  
a que eu fizer nesta parte,  
pois quem forçado se parte,  
de inimigo não me deixa.

### **AO RETIRAR-SE LHE MANDOU O POETA HUM REFRESCO COM ESTAS DÉCIMAS.**

Atrevido este criado  
apresenta à companhia  
limitada ninharia  
para tão grande senado:  
isto vai por desfado,  
e ter, em que se entreter,  
quem saiu a esparecer,  
e não há, que reparar,  
que quem anda pelo mar  
há de ter, em que esmoer.

Quem caminha, ou faz viagem,  
nunca se pode enfadar  
do porto, que vai buscar  
se leva matalotagem:  
e inda que tenha estalagem,  
bem é, que vá prevenido  
do bom presunto cozido,  
paio, queijo, e salchichão,  
porque tudo na ocasião  
serve para o indivíduo.

**A TREZ MULATOS QUE POR TIRAREM AS ESPADAS CONTRA HUNS  
DESEMBARGADORES FORAM A ENFORCAR ATANAZADOS, E ESQUARTEJADOS.**

Jogaram a espadilha  
três canzarrões co'a Justiça,  
e como o demo as enguiça,  
iam sempre à cascarrilha:  
não achavam na cartilha  
carta de jeito, ou feitio  
para trunfarem com brio,  
ante jogo tão nefando,  
que um quarto de hora jogando  
perderam seis mãos a fio.

Não sendo de perder fartos  
para o seu total destroço  
perdido o dinheiro grosso,  
perderam também os quartos:  
mas depois de azares artos,  
virão os três pescadores,  
que a Justiça destra em flores  
em jogando com maraus  
sempre ganha com três paus  
os maiores matadores.

Ao tempo, que os três sentiram,  
que o tal jogo os embarranca,  
todos se viram sem branca,  
mas sem alva não se viram:  
do jogo se despediram  
sentido do espalhafato,  
mas tão nus do esfola-gato,  
que de pura compaixão  
lhes vestiu a Relação  
uma fralda de barato.

Tanto ali se entristeceram,  
e tanto se trespassaram,  
que a todos nos admiraram,  
quando assim se suspenderam:  
finalmente os três morreram  
uma morte tão veloz,  
que ao veneno mais atroz  
nenhuns tão presto acabaram,  
como estes, quando cheiraram  
as entrepernas do algoz.

Jogar sobre mesa rasa  
com seis Desembargadores,  
isso não, que aos matadores  
nunca deixam fazer vaza:  
se aos treze escaldou a brasa,

aos mais sirva de exemplar,  
e quando queiram jogar,  
joguem, mais ao truque não,  
que os três paus da Relação  
sempre é carta de ganhar.

Com becas qualquer joguinho  
sempre é mui prejudicial,  
pois com jogo tal, ou qual  
sempre levam de codilho:  
têm cartas de garrotilho,  
porque têm cartas de agarro,  
e os que imaginam, que é barro  
jogar com Ministro inteiro,  
se esperam rodar dinheiro,  
hão de rodar sobre um carro.

Vós, que na cidade vistes  
tantos quartos, e tão artos,  
entendei, que tão maus quartos  
resultam de horas mui tristes:  
e os que de vê-los fugistes,  
crede, que a hora não tarda,  
a quem a má sorte aguarda,  
antes deveis de entender,  
que a toda a casa há de arder,  
a quem seus quartos não guarda.

Alerta Pardos do trato,  
a quem a soberba emborça,  
que pode ser hoje força,  
o que foi ontem mulato:  
alerta que o aparato  
daquele pendente pé,  
que na parede se vê,  
vos prega com voz sincera,  
que se sois, o que ele era,  
podeis ser, o que ele é.

**PREZOS TREZ HOMENS DE QUATRO, QUE POR SEU DESENFADO COSTUMAVÃO  
TIRAR PEDRADAS AS JANELLAS DE PALACIO, UM DELLES POR SER MULATO,  
SAHIO A AÇOUTAR PELAS RUAS E OS DOUS FORAM PARA AS GALÈS. ESTA  
OBRA FEZ O POETA SENDO ESTUDANTE.**

Senhores: com que motivo  
vós tentastes a fazer,  
sem castigo algum temer,  
um excesso tão nocivo?  
(disse o Algoz compassivo  
a um dos da carambola,  
quando o leva pela gola)  
e a gente, que ali se pôs,  
via a pé quedo o Algoz  
muitas vezes dar à sola.

Nestas retiradas suas,  
que fazia o tal madraço  
sacudia-lhe o espinhaço  
cum par de soletas cruas:  
dava-lhe nas costas nuas  
palmadas tão bem dispostas,  
que o Mulato co'as mãos postas  
disse dos açoutes dados,  
sendo dos mais os pecados,  
eu somente os levo às costas.

A gente, que isto lhe ouviu,  
por saber do caso atroz,  
pedia muito ao Algoz,  
lho dissesse, e ele se riu:  
finalmente prosseguiu  
a dizer o caso a uns poucos,  
que de pasmo ficam moucos  
a alguns deles quase mudos  
de ver, que quatro sisudos  
tomem ofícios de loucos.

Diz-lhe mais o Algoz pascácio,  
que sem terem nisso medras,  
os quatro atiraram pedras  
as janelas do Palácio:  
e que fazendo agarrácio  
dos três, escapou de um,  
mas cuidando se algum  
dos mais lizeiros ao peso,  
fora, o que escapou de preso,  
mais ligeiro, que nenhum.

Um inocente agarrado  
foi também na travessura,  
sendo que não faz loucura  
moço tão bem inclinado:  
outro será castigado  
pela ousadia sobeja  
e porque este vulgo veja  
(se com ele não se engana)  
fez, com que pela semana  
não fosse o Domingo à Igreja.

Estes outros dous, ou três,  
que se agarraram de noite,  
se se escaparam do açoite,  
terão por certo galés:  
Não de sentir o revés  
deste excesso, que fizeram,  
pois eles assim quiseram:  
mas vejo não sentirão,  
se por castigo lhes dão

ir para donde vieram.

Vós, que do caso adversário  
em seguro vos pusestes,  
porque dos pés vos valestes  
não sejas tão temerário:  
sede nisto imaginário,  
pois tão bem destes à sola,  
que se noutra carambola  
vos meteis co amigo Baco,  
ele às vezes é velhaco,  
dará convosco em Angola.

***Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística***